



## Entrevista

### Professor Bertrand Badie

Thais Mere Marques Aveiro

Bertrand Badie é cientista político, professor na Sciences Po, Paris, pesquisador do CERI (Centro de Estudos e Pesquisas Internacionais), codiretor da coleção *L'état du monde*, publicada anualmente desde 2010 e coeditor da Enciclopédia Internacional de Ciência Política.

Entre 2002 e 2005, foi Diretor do Centro de Estudos Internacionais sobre a paz e resoluções de conflitos. Por dez anos (1994 –2003), foi Diretor das publicações da Sciences Po.

Desde 2000, ministra o Curso Espaço Mundial que, a partir de 2014, foi lançado como Mooc com acesso livre.

Um dos mais prestigiados politólogos mundiais e crítico da mundialização ocidental, Badie já foi professor visitante em uma série de Universidades, tais como Universidade de Lausanne, Genebra, Túnis, Rabat, Fés, Porto Alegre, Bolonha, Florença, Berlim, Istambul, Moscou, Cairo, Tóquio, Beirute, Amsterdã, Roma, Bonn e Cidade do Cabo.

Entre suas principais obras podemos destacar: *Les deux États: pouvoir et société en Occident et en terre d'islam*; *L'État importé: essai sur l'occidentalisation de l'ordre politique*; *La fin des territoires*; *Un monde sans souveraineté et Le Temps des Humiliés*.



#### **Como o senhor avalia os recentes ataques terroristas, ocorridos, por exemplo, na França e na Tunísia? Seriam eles uma resposta dos humilhados?**

Evidentemente que sim: estas novas formas de violência não se enquadram dentro do modelo hobbesiano de poder, mas vêm da fraqueza do tecido social, da precariedade da sua construção política e uma grave falta de integração social. Tantos elementos perigosos são utilizados pelos "empresários da violência" para mobilizar indivíduos que se encontram com referências perdidas. Estes, dos quais uma pequena fração corresponde aos humilhados, acabam por odiar um modelo dominante e inacessível.



**Para combater conflitos e crises internacionais, o senhor propõe a integração social internacional por meio do multilateralismo inclusivo. Como se dá esse multilateralismo?**

No momento, o multilateralismo está, em muitos aspectos, adormecido: ele nasceu fraco e incerto, dominado pelos mais poderosos; ele se adapta mal à mudança e ele está paralisado em seu funcionamento. Devemos dar-lhe força e vida, reconstruir sua legitimidade, abrindo-se para novos poderes, mas também a atores sociais e às questões sociais internacionais. O multilateralismo poderá, então, ter importante atuação face às novas formas de conflito.

**Problemas como fome, miséria, analfabetismo, condições sanitárias e de saúde precárias ainda são realidade em um contingente expressivo de territórios. As organizações internacionais fracassaram em combater esses problemas?**

Algumas dessas organizações, como o PNUD, em particular, mas também a OIT, ACNUR, UNICEF, e até mesmo, mais recentemente, a OMS ou a FAO, têm feito um grande trabalho. O bloqueio, contudo, está no centro: é assustador que o Conselho de Segurança não se dedique às grandes questões sociais internacionais, particularmente em matérias como alimentação e saúde. Sabiamente, Boutros Boutros-Ghali estabeleceu em sua *Agenda para a Paz* (1994) que, hoje, a causa primeira das guerras está relacionada à injustiça social, enquanto seu sucessor, Kofi Annan pleiteou, em vão, a criação de um "multilateralismo social".

**O senhor acredita que o atual sistema de relações internacionais precisaria de reforma? Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas precisaria de uma nova orientação política? Como essa mudança deveria ser conduzida?**

O sistema internacional deve evoluir, incluindo-se, para isso, a passagem de uma visão ingênua da universalidade para uma visão mais lúcida da alteridade. A primeira foi inventada pelo Ocidente que se colocou como o inventor exclusivo de um modelo universal aplicável a todos. Foi, para esta parte do mundo, uma maneira de impor e legitimar a sua liderança. Isso, contudo, levou a uma ordem de negação das contribuições do outro, portanto, a um mundo desequilibrado, precipitando o mundo não-ocidental na marginalização e humilhação. O que muito perigoso e não é possível num contexto de globalização.

**O que seria necessário para termos um sistema mais solidário e humano que levasse a um maior desenvolvimento das nações? É possível pôr-se fim a questão da exclusão dos que sofrem?**

Sim, esse é o projeto de toda a política alteridade. A integração deve ser material, ou seja, oferecer a todos as condições para a sua sobrevivência, mas também simbólica, ou seja, promover o respeito ao outro. Eu me indigno ao ver que, para



muitos ocidentais, proteger a liberdade significa ter o direito absoluto de ridicularizar e insultar os outros.

Entrevista realizada em 14 de junho de 2015  
Tradução: Thaís Mere Marques Aveiro

Sobre a autora:

**Thaís Mere Marques Aveiro**

Doutoranda em cotutela pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM/UnB) e Université Paris 13, analista em Ciência & Tecnologia da CAPES, Bolsista CAPES.